

GOMES, H.; OVERBEEK, W. (orgs.) **Aracruz Credo: 40 anos de violações e resistência no ES**. Vitória, 2011.

Bruna Garcia Eskinazi¹

O livro “Aracruz Credo: 40 anos de denúncias e resistências no ES” organizado pela Rede Brasil sobre Instituições Financeiras Multilaterais e pela Rede Alerta Contra o Deserto Verde, como já indica o subtítulo da obra, é um conjunto de artigos que denunciam as inúmeras atrocidades de uma das maiores empresas produtoras de celulose do mundo, a Aracruz Celulose². A empresa se instalou no norte do Espírito Santo na década de 1970, e, da mesma forma como outras empresas do setor de celulose e de outros setores do agronegócio, recebeu enormes incentivos do Estado. O livro conta com 14 artigos que abordam inúmeros aspectos das problemáticas que a empresa trouxe ao estado do Espírito Santo e das lutas e resistências das populações atingidas. Trabalho importantíssimo, principalmente pelo fato de que tais questões não apresentados pela mídia regional e nacional, ao contrário, mantém-se com o objetivo de defender intensamente os interesses do agronegócio e raramente dar voz aos povos atingidos.

Um dos capítulos do livro, “A viabilização da Aracruz Celulose pelo Estado brasileiro” de Helder Gomes, é um detalhado levantamento dos esforços estatais para a formação e posteriormente crescimento e consolidação da empresa no norte capixaba. Desde estudos técnicos para delimitar a melhor região para o plantio de eucalipto – que hoje ocupa quase 20% das áreas mecanizáveis do estado –, até o I Programa Nacional de Papel e Celulose, integrante do II Programa Nacional de Desenvolvimento de 1974, destacando os volumosos financiamentos do BNDES e as isenções tributárias que beneficiam o setor, o que nos remete as reflexões acerca do conceito de antivalor de Francisco de Oliveira.

O Estado foi conivente também com o desmatamento da Mata Atlântica, como ação necessária para ocupar 83 mil hectares para o plantio de eucalipto, que abastece as três fábricas da empresa, assim, houve uma perda muito significativa da diversidade biológica, evidenciando que córregos e nascentes secaram. Já que, a necessidade de água das extensas monoculturas está acima dos índices pluviométricos da região – segundo dados apresentados há uma diferença de 2.600 mm ao ano entre o consumo hídrico das monoculturas e o volume de chuva – gerando uma absorção muito grande das águas subterrâneas e um desequilíbrio no balanço hídrico das bacias (somente no município de Conceição da Barra há o registro do desaparecimento de 156 córregos). Além disso, inúmeros relatos dos moradores da região registram a contaminação das águas de rios e córregos com herbicidas e formicidas, impossibilitando a pesca e a utilização da água para beber, cozinhar, lavar roupa (importante espaço de socialização para as mulheres quilombolas), entre outras atividades.

A produção de celulose também utiliza volumes significativos de água, somente a terceira fábrica da empresa, inaugurada em 2003, utiliza 250 mil m³/dia, que são poluídos com resíduos do processo de branqueamento da celulose a base

¹ Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Rio Claro. bruna@eskinazi.com.br.

² A partir de 2009, com a fusão entre a Aracruz Celulose e a Votorantim Celulose e Papel, passa a se chamar Fibria S/A.

de cloro, processo que é proibido em muitos países europeus por ser extremamente poluente. Para captação da água a empresa realizou desvios e represamentos dos mais importantes rios da região: Rio Riacho, Rio Comboios, Rio Doce, Rio Sahy, Rio Guaxindiba, comprometendo a qualidade e volume das águas que chega aos moradores. Comunidades de pescadores e indígenas também utilizavam os rios para a navegação, prática que hoje está dificultada ou impossibilitada em alguns rios. Segundo Maracci, muitas dessas obras de desvios foram feitas sem os estudos ambientais legalmente exigidos e quando estes eram realizados possuíam fraudes e irregularidades.

Estes inúmeros impactos ambientais modificam profundamente os modos de vida das populações do norte capixaba, comunidades caiçaras, quilombolas e indígenas, na medida em que “São povos que recusaram a leitura moderna da separação sujeito-natureza e se vêem como parte dela, por isso a agressão à natureza é a agressão a eles mesmos” (p. 58-9). Para essas populações que retiram sua subsistência inteiramente da floresta e da agricultura, indo à cidade esporadicamente para comprar somente querosene e sal, o desmatamento significa a perda de caça, de coleta de alimentos, de lenha e de remédios; a poluição e seca dos córregos e rios é a perda da pesca, da navegação, a imposição da compra da água; a drástica redução de seus territórios³ e a conseqüente impossibilidade de manter suas culturas de subsistência, levando a proletarização e a diminuição extrema da qualidade de vida.

O livro explicita muito bem a fina teia de relações entre as populações tradicionais, suas práticas culturais, a Mata Atlântica, a água e o trabalho. E as transformações que o modelo agroindustrial monocultor, concentrador de água e de terras, trouxe para a região, modificando por completo seus modos de vida.

Como um dos maiores *slogans* dessa empresa é “o desenvolvimento econômico e a geração de empregos” o artigo de Nadai, Soares e Overbeek é muito importante para compreender quais, quantos e como são gerados os empregos da Aracruz. Entre 1989 e 2007 os empregos diretos da empresa caíram de 6.058 para 2.495, ainda que segundo a empresa tenha crescido o número de postos de trabalho indiretos, esses dados são muito relativos e devem ser analisados com muito cuidado⁴. Além disso, a empresa passou por três momentos de grandes demissões, primeiro quando o corte do eucalipto foi mecanizado na década de 1980, já que cada máquina substitui 14 motosserristas. Em 2002, houve a segunda onda de na indústria por aumento de produtividade por trabalhador. E em 2009, com a crise econômica dos países centrais, principais importadores de papel e celulose, muitos trabalhadores foram dispensados. Considerando ainda que desde os anos 1990, cresce o processo de terceirização dos funcionários, acompanhada de diminuição dos salários e precarização do trabalho.

É interessante também contrastar os dados entre os empregos gerados pela Aracruz e o trabalho por ela destruído, já que a cada 122 ha de monocultura de eucalipto é gerado 1 emprego, disparidade muito grande com a cultura do café, muito tradicional na região que gera 1 a 3 empregos por hectare e da agricultura camponesa que gera de 1 a 5 empregos por ha. Além de uma série de denúncias de

³ Os Tupiniquim perderam mais de 99% dos seus 55 mil ha anteriores a chegada da Aracruz, para somente depois de muitos anos de luta recuperarem 18 mil ha.

⁴ Em pesquisa para determinar o número de empregos da Veracel, por exemplo, foi computado todos os empregos de serviços que atendiam à empresa, mas não exclusivamente a ela, inclusive bancos, restaurantes. Demonstrando uma grande distorção dos dados.

trabalhadores que foram demitidos após contraírem doenças ocupacionais, como problemas na coluna, doenças por exposição a agrotóxicos (ausência de fornecimento de equipamentos de segurança adequado aos trabalhadores) e nunca tiveram assistência médica ou indenização da empresa.

Considerando que o principal discurso da empresa, de geração de empregos, é uma falácia, na medida em que os empregos gerados são poucos, instáveis, de alta periculosidade, é necessário para se sustentar diante da opinião pública regional e nacional construir uma imagem positiva. Girelli apresenta como se dá a construção simbólica da Aracruz e dos movimentos sociais que a combatem e denunciam. Por um lado, a mídia destaca programas sociais da empresa, o desenvolvimento tecnológico e os investimentos que ela recebe e a associa com preservação ao meio ambiente por plantar árvores. Por outro lado, faz um esforço de invisibilização dos movimentos sociais, e quando aparecem na mídia, em momentos de conflito mais intensos não são entrevistados, deslegitimando suas identidades, apontando-os como aproveitadores, “falsos indígenas” e “falsos quilombolas”.

Esse é um dos principais motivos para esse livro ser tão importante, ele reúne denúncias e os relatos de resistência de pessoas e movimentos que raramente tem voz, ele em si é uma forma de luta contra a correnteza de uma mídia hegemônica que não trabalha a serviço da informação, mas a serviço das grandes empresas. Os problemas sociais, econômicos, ambientais e culturais engendrados pela produção de celulose e em geral pelo modelo de agronegócio não são restritas ao norte do Espírito Santo, mas a luta e a organização das pessoas que há 40 anos resistem a elas podem ser tomadas como símbolo e inspiração para todos que enfrentam o agronegócio.

Submetido em: 28/06/2013

Aceito para publicação em: 09/07/2013

Publicado em: 28/09/2013